

**HISTÓRIA
EM
REVISTA**

Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

HISTÓRIA EM REVISTA

Prof. Antonio Cesar Gonçalves Borges
Reitor

Prof. Daniel Souza Soares Rassier
Vice-Reitor

Profª Ingelore Scheunemann de Souza
Pró-Reitora de Graduação

Prof. Alci Enimar Loeck
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Profª Angela Maria Sinotti Gonzalez
Pró-Reitora de Extensão e Cultura

Bel Flávio Chevarria Nogueira
Pró-Reitor Administrativo

Bel. Antonio Leonel da Silva Cunha
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento

EDITORA UNIVERSITÁRIA
Rua Lobo da Costa, 447
Pelotas-RS - CEP 96.010-150

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira
Diretor

Capa: Gilnei da Paz Tavares

Planejamento Editorial: José Herminio Barbachã

Reprodução Gráfica: João José Pinheiro Meireles
Marciano Serrat Ibeiro
Oscar Luis Rios Bohms

Acabamento: Carlos Gilberto Costa da Silva
Claudio Luiz Machado dos Santos
Luiz Gonzaga Souza Cruz



Class:	REVISTA
Registro:	415
Data:	11.10.94
Doação:	

HISTÓRIA EM REVISTA

Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994

Núcleo de Documentação Histórica da UFPel

Coordenação Administrativa:

Profª Beatriz Ana Loner

Coordenadores de Linhas de Pesquisa:

Quotidiano de Pelotas (e Região Sul):

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Temístocles Américo César

Movimento Sindical:

Profª Lorena Almeida Gill

História da UFPel:

Profª Beatriz Ana Loner

Memória e Sociedade:

Profª Maria Letícia Mazzuchi Ferreira

Técnicos Administrativos:

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

Comissão Editorial

Profª Beatriz Ana Loner

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Profª Lorena Almeida Gill

Prof. Temístocles Américo César

Apresentação 5

Artigos:

Reconstrução da

memória da UFPel 7

Beatriz Ana Loner

A evolução urbana de Pelotas:

um estudo metodológico 21

Sidney Gonçalves Vieira

Óthon Ferreira Pereira

Jakson Silvano de Toni

Os periódicos do final do século XIX

e do início do século XX

e o cotidiano de Pelotas 35

Fábio Vergara Cerqueira

Temístocles Américo César

Mulheres em estudo:

um movimento outro

um outro movimento 39

Lorena Almeida Gill

Denise Bussoleti

Museu e

memória histórica 48

Maria Letícia Mazzuchi Ferreira

O sujeito essencial:

teoria histórica e discurso 52

Temístocles Américo César

Da aplicação do conceito

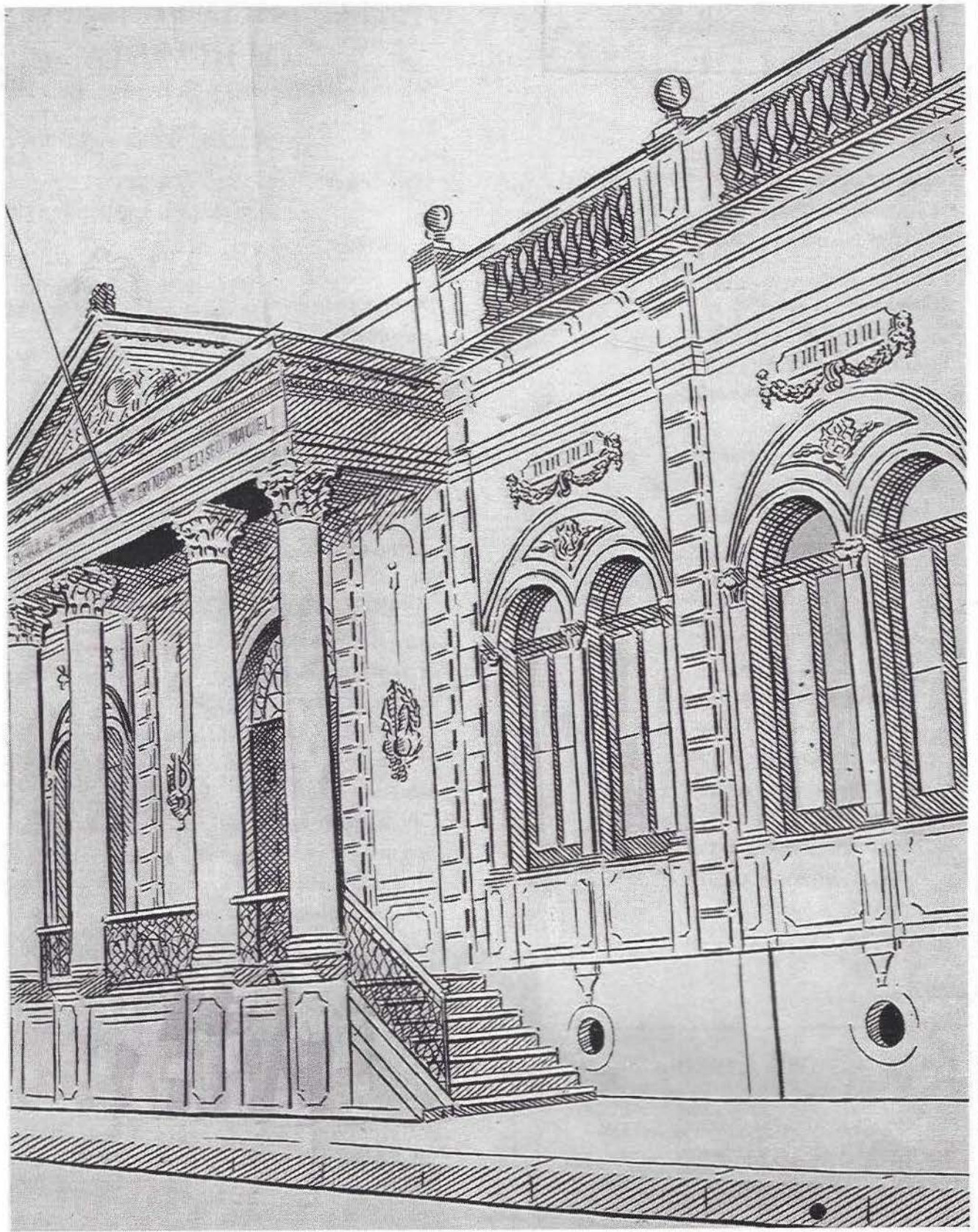
de imaginário no estudo da história 57

Fábio Vergara Cerqueira

HISTÓRIA EM REVISTA

PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO DE
DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

PELOTAS, PRAÇA 7 DE JULHO, 180
CEP 96.020-010 – RS



OS PERIÓDICOS DO FINAL DO SÉCULO XIX E DO INÍCIO DO SÉCULO XX E O QUOTIDIANO DE PELOTAS

Fábio Vergara Cerqueira
Temístocles Américo César

Os periódicos consistem uma importante fonte para o conhecimento da história local. Deve-se porém ter muito cuidado ao escolhê-lo como via de acesso ao nosso passado. É comum que sejamos extramamente céticos em relação ao conteúdo dos jornais atuais, porém, quando os lemos enquanto documento histórico, muitas vezes esquecemos da parcialidade que é própria do conteúdo jornalístico na sua apreensão do real. Além disso, muitas vezes, os usamos como fonte de dados isolados (dados econômicos, estatísticos, populacionais, fatos políticos, etc.), deixando de pesquisar o conteúdo do jornal como um todo na relação com seu tempo. Nesse sentido, colocamos a questão do jornal como fonte para o conhecimento do cotidiano surgindo inicialmente 3 questões.

1. O jornal, de um modo ou de outro, reflete (espelha de forma imperfeita) a estruturação do cotidiano; apesar de fazê-lo de forma incompleta (porque as dimensões do cotidiano são muito mais amplas do que aquilo que o jornal abarca) e imperfeita (porque distorce, filtra), a própria disposição dos assuntos na formatação do diário, os próprios conteúdos tratados, revelam-nos significativos aspectos do cotidiano.

2. O jornal, inevitavelmente, filtra o cotidiano. Por

um lado, agem as ideologias, sendo importante lembrar que a imprensa do período estudado não costuma camuflar seus compromissos com discurso da neutralidade: encontramos, caracteristicamente, uma imprensa abolicionista, uma imprensa republicana, uma imprensa liberal, uma imprensa monarquista, etc. Por outro lado, agem as significações imaginárias. Como exemplo, lembraria certos significantes oitocentistas fundamentais na composição do filtro ao qual o cotidiano é submetido ao ser representado: noções como "progresso", "evolução", "humanidade", "harmonia" influenciam profundamente a visão de mundo que está na base da representação que o jornal faz do real. Deste modo, enquanto filtro, o jornal é sempre uma representação do cotidiano, em menor ou maior grau ideologizada e imaginarizada.

3. Finalmente, além de ser um reflexo (incompleto e imperfeito) e uma representação (ideologizada e imaginarizada) do cotidiano, o jornal exerce influência sobre este, divulgando idéias, estimulando hábitos, prestando serviços e, sobretudo, dando forma a uma visão (percepção) do cotidiano que vai ser assimilada por aqueles que o lêem seguidamente. É, portanto, um expressivo agente na composição das imagens que uma cidade tem de si mesma.

Levando em consideração estas 3 questões, estamos desenvolvendo nosso estudo sobre o cotidiano de Pelotas a partir dos periódicos para o período que se estende de 1870 a 1930. Delimitamos como universo de pesquisa 4 periódicos da época imperial (Mercantil, O Comércio, Diário de Pelotas, 11 de Julho) e 4 da época republicana (Correio Mercantil, Diário Popular, Opinião Pública, O Rebate), buscando compreender como a imprensa manifesta o desenvolvimento de uma quotidianidade urbana de Pelotas tanto no sentido do estabelecimento em estruturas materiais para as melhorias e complexificação da vida em cidade, como no sentido de uma mentalidade urbana, em contraste com o universo marcadamente rural a partir do qual Pelotas surgiu. Esta dupla questão da urbanidade (material e mental) está sendo estudada a partir de 11 variáveis (indicativos), com base nas quais formularemos nossa compreensão sobre o cotidiano de Pelotas no curso do período estudado: vida econômica, vida política, infra-estrutura urbanas, cotidiano cultural e educacional, cotidiano jurídico-policial, aspectos de ordem natural (enchentes, epidemias, etc.), “reclames” (anúncios), vida social e dados sobre a imprensa (aspectos ideológicos, rivalidades entre jornais, melhorias dos serviços jornalísticos).

Com base nas informações que estamos obtendo a partir da desconstrução do conteúdo jornalístico nestas 11 variáveis (indicativos de urbanidade quotidiana), delineam-se já algumas questões iniciais, cujo conteúdo vem-se mostrando significativo devido à sua repetição nos diferentes jornais e em diferentes momentos. Explicaremos algumas destas questões que deverão ser desenvolvidas ao longo de nossa pesquisa.

Inicialmente, chama-nos a atenção a importância dada pelos jornais às informações sobre o “progresso” que eles afirmavam se instaurar em Pelotas: significativamente, lembramos as referências ao aumento do número de prédios construídos que nos permitem dimensionar o desenvolvimento da vida urbana, sendo também um indicativo do crescimento econômico e populacional. A representação que os jornais fazem deste processo de urbanização podem ser percebidas em vários níveis: desde o destaque às atividades

culturais até os temores diante da “violência urbana” de crimes que atentavam contra a “civilização”. Analisaremos aqui destacadamente 3 questões que serão desenvolvidas ao longo de nossa pesquisa:

1. a participação de estrangeiros na construção da urbanidade pelotense;

2. a participação da vida cultural e educacional no cotidiano de Pelotas;

3. a narrativa policial que veicula um discurso sobre a violência que carrega consigo uma série de valores e conceitos que participam de instituição imaginária da sociedade à época. As análises que faremos não terão caráter conclusivo nem de generalização, uma vez que o universo de informações levantado ainda é muito reduzido. Serão portanto análises pertinentes ao caso e o período já estudados, que já nos indicam porém algumas hipóteses.

1. A PARTICIPAÇÃO DOS ESTRANGEIROS NA CONSTITUIÇÃO DA URBANIDADE PELOTENSE:

Ao lermos os relatos de viajantes pelo Rio Grande do Sul, como exemplo “Dez Anos no Brasil”, de Carlos Seidler (1835), “Viagem pela Província do Rio Grande do Sul” (1858), de Robert Avé-Lallement, e “Viagem militar ao Rio Grande do Sul” (1865), de Conde d’Eu, percebemos como estes destacam a presença de europeus nas cidades da província, desde as cidades maiores, como Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas até as menores, como Uruguaiana e São Borja. Estes conterrâneos dos viajantes aparecem, no contexto urbano, ora como comerciantes, que contribuem para a divulgação de hábitos urbanos europeus, ora como agentes culturais, que, para manterem sua identidade cultural, criavam associações que contribuíam à divulgação nas cidades e províncias de valores e prática culturais urbanas. São sempre colocados, no discurso eurocêntrico dos viajantes, como elementos civilizadores com um papel insubstituível para o desenvolvimento de uma padrão de vida urbano na província que era marcada

pelo predomínio de uma cultura rural e rústica.

Ao lermos os periódicos do período estudado, constatamos que, para além do conteúdo eurocêntrico das afirmativas dos viajantes europeus, podemos identificar vários aspectos de uma participação dos estrangeiros na constituição de uma urbanidade pelotense, tanto no plano material como no mental.

No plano material, a atuação de técnicos europeus foi fundamental para o processo de urbanização, o que podemos constatar pelas referências a engenheiros e arquitetos de origem francesa, italiana, alemã e inglesa. Além disso, a maioria dos serviços que começam a ser oferecidos neste contexto marcadamente urbano são prestados por europeus: encontramos com frequência indivíduos com nome europeus anunciando seus serviços médicos, fotográficos e de educadores.

No plano mental, observamos com frequência a referência a associações de estrangeiros com natureza cultural, que muitas vezes assumem o caráter de grupos musicais. Destacamos também a atuação de companhias de ópera que permanecem em Pelotas durante longas temporadas, como a companhia espanhola de "Zarzuela", que realiza várias récitas no Theatro 7 de Abril, na temporada de 1875. Além disso, lembraria também de professores de origem estrangeira, seja como tutores ou como professores de língua estrangeira. Enquanto tutores, prova a importância que as classes médias e altas urbanas atribuíam a que seus filhos tivessem uma bem fundamentada "formação européia". A sua atuação enquanto professores de línguas estrangeiras nos indica o desejo de "europeização", uma vez que se europeizar funcionava como um mecanismo para se diferenciar do meio rústico e rural.

Os aspectos levantados indicam-nos a hipótese a ser estudada de que estes indivíduos de origem européia que viviam entre os brasileiros, e eram numericamente bastante significativos no total da população urbana da época, serviram como um referencial para o estabelecimento de uma urbanidade pelotense.

2. A PARTICIPAÇÃO DA VIDA CULTURAL E EDUCACIONAL NO QUOTIDIANO DE PELOTAS:

Em praticamente todos os periódicos que estamos estudando, encontra-se constantemente a referência a aspectos culturais do quotidiano: récitas de companhias estrangeiras no Theatro 7 de Abril, apresentações de grupos musicais em determinadas festividades, criação de associações culturais (musicais ou literárias), criação de instituições culturais como a Biblioteca Pública, criação de instituições de ensino fundamental e ensino superior.

Salta aos olhos o esforço de certos grupos em viabilizar uma vida cultural e educacional em Pelotas. A esse respeito, é importante destacar como percebemos a repetição dos nomes (seja o nome dos indivíduos ou nome das famílias), ao longo do período estudado, envolvidos na criação destas instituições culturais. Por um lado, há o esforço de certos grupos dominantes de fortalecer a cidade de Pelotas, inclusive economicamente, para o que se tornará necessário um ensino técnico e um ensino superior. Por outro lado, existe o 'status' que se associa aos indivíduos que tenham uma atuação cultural destacada, contribuindo ao fortalecimento das instituições culturais. Além disso, temos o interesse cultural genuíno, num contexto urbano em formação onde o elemento cultural passa a ser valorizado, do contrário não seria fonte de afirmação social. O interesse pela cultura, na sua forma mais refinada, pode aparecer como algo elitizado, uma vez que era interesse das elites fazê-lo aparecer deste modo; no entanto, é a cidade que se interessa pelas atividades culturais, uma vez que a preocupação com a educação fundamental, com a educação musical, com a formação literária, não era privilégio de certos círculos restritos, mas marcava os mais variados setores sociais.

A europeização e a vida cultural são dois aspectos marcantes no desenvolvimento de um padrão de vida urbano; no entanto, o sentimento de urbanidade apresenta outras formas de manifestação, como a formação de uma sensibilidade urbana: como exemplo desta, destacamos a percepção da violência.

3. A NARRATIVA POLICIAL E DISCURSO SOBRE A VIOLÊNCIA:

É bastante surpreendente o tom das narrativas policiais, pois, ao contrário daquele dia-a-dia pacato que imaginamos em relação a Pelotas da época, os jornais esforçam-se em narrar crimes hediondos e em criar uma atmosfera de potencial violência urbana. Não temos ainda elementos suficientes em nossa pesquisa para analisar se de fato a violência assumia proporções suficientes para assustar ao ponto de dissuadir a permanecer-se em casa – acreditamos que não. Por outro lado, analisamos já elementos que apontam para como o jornal se coloca o papel de veicular um discurso sobre a violência que compõe ao nível quotidiano uma sensibilidade urbana atenta à criminalidade. O destaque à violência não é feito como algo que justifique que se desenvolva o medo de ser vítima dela (como acontece atualmente); ele é feito como forma de valorizar os princípios morais básicos da “civilização” que são desrespeitados pelos crimes narrados. Deste modo, a narrativa policial articula significativamente a afirmação dos valores fundamentais que norteiam o estabelecimento de um quotidiano urbano em Pelotas.

Além desta função, a narrativa policial com frequência serviu, nos diferentes momentos, como um mecanismo de afirmação da coerção social, seja no relato de fuga de escravos no período imperial, seja no relato das mobilizações sociais que marcaram o período de graves entre os anos de 1917 e 1920.

Existe um terceiro aspecto que pode aparecer neste tipo de narrativa, mas que ainda não encontramos nos jornais pesquisados: a descrição com conteúdo ideológico de incidentes da natureza política, que possivelmente apareça com mais frequência nos anos de 1893 e 1923.

Finalizando, os jornais nos servem como fonte para o estudo do estabelecimento de um padrão quotidiano de vida urbana em Pelotas, seja ao nível mental ou material. Analisamos aqui apenas 3 aspectos, a partir das informações iniciais que obtivemos: a participação

dos estrangeiros, a importância da vida cultural e educacional e o discurso sobre a violência.

Concluimos que podemos perceber o desenvolvimento de uma sensibilidade urbana ora marcada pela idéia de violência, que nos remete aos valores básicos que estruturam o imaginário urbano como referencial para o estabelecimento de um padrão de vida cidadina, ora marcada pelo desenvolvimento de interesses de natureza cultural que ocupam as horas vagas no processo de socialização urbano que se estabelece em Pelotas.

FACULDADE DE AGRONOMIA ELISEU MACIEL

